



## Diálogos sobre sexualidade no ensino fundamental: construindo conceitos e tirando dúvidas de alunos do 8º ano de uma escola municipal em Santarém, Pará, Brasil

Dialogues on sexuality in primary education: building concepts and answering questions of 8th graders of a public school in Santarém, Pará, Brazil

E. P. Cruz<sup>1</sup>; E. de Souza<sup>1</sup>; S. C. de J. da Silva<sup>2</sup>; N. N. da Hora<sup>3</sup>; P. A. P. F. G. das Neves<sup>4\*</sup>

<sup>1</sup> Graduação em Licenciatura Plena em Ciências Naturais – Habilitação Biologia, Santarém-Pará, Brasil

<sup>2</sup> Mestre em Ciências Ambientais (UEPA). Professora do Plano Nacional de Formação de Professores- PARFOR pela Universidade do Estado do Pará, Campus de Santarém. Professora de Ciências no município de Parauapebas-Pará, Brasil.

<sup>3</sup> Mestre em Ciências Ambientais (UEPA). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Sociedade, Natureza e Desenvolvimento da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), Santarém-Pará, Brasil.

<sup>4</sup> Mestre em Ciências Ambientais (UEPA). Doutorando do Programa de Pós-Graduação Biodiversidade e Biotecnologia da Amazônia Legal (PPG-BIONORTE), Belém-Pará, Brasil.

\*paulo.panarra@gmail.com

(Recebido em 02 de abril de 2016; aceito em 17 de abril de 2016)

---

A sexualidade ainda é vista como um tema polêmico a ser abordado com os adolescentes, no entanto, a curiosidade sobre o assunto é natural neste período da vida, bem como são preocupantes os índices de gravidez e de incidência de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) na adolescência. A partir deste pressuposto, este estudo objetivou investigar as principais questões em relação ao tema sexualidade, apontadas por alunos do ensino fundamental de uma escola municipal localizada em Santarém, Pará, Brasil. Dessa maneira, realizou-se uma pesquisa de campo, na qual aplicou-se um questionário para 21 alunos com o objetivo de identificar concepções e dúvidas a respeito do tema. Com base nos dados obtidos a partir da aplicação dos questionários foram realizadas duas oficinas pedagógicas, sendo elas: 1) Sexualidade, saúde e qualidade de vida e 2) Dialogando saúde. Além das discussões sobre sexualidade, também fizeram parte duas oficinas, sessões de vídeo, recortes e colagens. Os dados dos questionários evidenciaram que a maioria possuía uma visão restrita de sexualidade, isto é, mais a partir do campo biológico (como exemplo, ato sexual e puberdade). Portanto, nas oficinas pedagógicas buscou-se discutir sexualidade a partir de uma visão holística, trabalhando aspectos biológicos, como DST, mas também os fatores sociais, econômicos, culturais, políticos que giram em torno do tema. A fala dos participantes e os materiais produzidos nas oficinas revelaram a ampliação de conceitos prévios sobre o tema.

Palavras-chave: Saúde, Adolescência, Oficinas pedagógicas

Sexuality is inherent to every human, although it is still seen as a polemic topic to be approached with teenagers. However, curiosity about the subject is natural in this period of life, and it is worrying pregnancy rates and Sexually Transmitted Diseases (STD) in adolescence. In this sense, this study aimed to investigate the main issues regarding to the sexuality theme mentioned by 8th graders a municipal elementary school in Santarém, Pará, Brazil. To this end, it was performed at a field research, which was applied a questionnaire to 21 students in order to identify concepts and questions on the subject. Based on the data obtained from the questionnaires were two educational workshops, which are: 1) Sexuality, health and quality of life; 2) Dialoguing health. Beyond to discussions about sexuality, they were also part of the workshops, video sessions, scrapbooks and collages. The data from the questionnaires showed that most had a restricted view of sexuality, that is, more from the biological field (for example, sex and puberty). Therefore, in the educational workshops we discuss sexuality from a holistic view, working biological aspects such as STD, but also social, economic, cultural, political, revolving around the theme. The speech of participants and materials produced in the workshops revealed the expansion of previous concepts on the subject.

Keywords: Health, Adolescence, Educational workshops

---

## 1. INTRODUÇÃO

A sexualidade é algo inerente a todo ser humano, desde a infância até a terceira idade. Entretanto, é no período da adolescência que esta começa a despertar a curiosidade dos meninos e meninas [1]. É comum as pessoas entenderem “sexualidade” apenas como sinônimo de sexo (ato sexual), porém, o termo também diz respeito à maneira como os indivíduos expressam sua dimensão sexual, o que inclui gestos, comportamentos (vestir, andar, falar etc.), gostos, vontades, afetos, entre outros, e todos esses elementos são influenciados por fatores biopsicossociais, culturais, políticos e econômicos [2].

O diálogo sobre sexualidade nem sempre é uma tarefa fácil para muitos pais e/ou demais adultos de referência, levando muitos adolescentes a procurar sanar suas dúvidas em fontes não confiáveis, como amigos da mesma idade, revistas, internet e televisão [2]. Diante disso, verifica-se que as instituições de ensino são importantes ambientes para promoção de vivências que contribuam para a construção da identidade dos educandos para além da família, compreendendo-as como lócus sociais singulares, onde são possibilitadas discussões sobre questões de sexualidade [3].

Altmann [4] ressalta que as baixíssimas taxas de fecundidade, além dos pequenos índices de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) e Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) relacionadas a um maior grau de escolaridade de um indivíduo, contribui para se considerar a escola como um espaço para solução de problemas relacionados à sexualidade.

No Brasil, a sexualidade é um dos temas transversais sugeridos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs [5], o qual propõe o enfoque das questões sociais consideradas relevantes e urgentes. Dessa forma, o caráter transversal se remete ao fato de que todas as disciplinas devem desenvolver abordagens sobre o tema. Embora a transversalidade do tema, o que instiga críticas é o fato do mesmo ser considerado, na maioria dos contextos escolares, como responsabilidade apenas do professor de ciências e/ou Biologia. Somado a isso, grande parte das abordagens sobre sexualidade acabam se restringindo ao enfoque biológico, ou seja, à identificação e à descrição dos órgãos genitais, de algumas DST e seus sintomas, entre outros [6]. De acordo com os PCNs, a orientação sexual na escola é compreendida como um processo de intervenção pedagógica que tem como finalidade informar e discutir sobre a temática sexualidade. A orientação tem que ocorrer de maneira coletiva, destacando diversos aspectos: sociais, psicológicos e fisiológicos. Tal abordagem é diferente da realizada pela família, pois proporciona a discussão de diversos assuntos relacionados ao tema.

O Ministério da Educação (MEC), através dos PCNs orienta que a sexualidade seja desenvolvida através de três eixos: o corpo humano, as relações de gênero e a prevenção das DST e AIDS. O primeiro eixo tem como finalidade proporcionar aos alunos o conhecimento do próprio corpo e noções sobre os cuidados com sua saúde; o segundo proporciona a discussão sobre os papéis de homens e mulheres na sociedade; e o terceiro eixo proporciona informações sobre as maneiras de prevenção das DST, além de conscientizar sobre a discriminação de pessoas portadoras do Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV).

Diante deste contexto, o presente trabalho teve como objetivo detectar as principais questões relacionadas ao tema sexualidade apresentadas pelos alunos do 8º ano de uma escola municipal de ensino fundamental do município de Santarém, Pará, Brasil. E a partir disso, promover uma intervenção em orientação sexual na perspectiva de ampliação dos conceitos prévios dos mesmos sobre sexualidade.

## 2. MATERIAL E MÉTODOS

### 2.1. Participantes e local da pesquisa

Foram escolhidos como público-alvo os alunos de uma turma de 8º ano, já que neste são abordados conteúdos como reprodução humana, gravidez, métodos contraceptivos, DST e AIDS. Desse modo, o estudo foi desenvolvido em uma escola pública municipal de ensino fundamental localizada no município de Santarém-Pará, a qual atende a educação infantil e o

ensino fundamental do 1º ao 9º ano. Primeiramente, realizou-se um contato inicial com a escola para formalização da pesquisa, seguido do reconhecimento do local e posterior discussão junto aos atores da escola (diretor, coordenadores e professores) sobre os objetivos da pesquisa, para um melhor detalhamento das ações a serem desenvolvidas.

## **2.2. Caracterização do estudo**

A pesquisa de campo realizada teve caráter descritivo com o enfoque no método qualitativo. Este tipo de pesquisa é muito utilizado na educação por ter como princípio a possibilidade de resolução de problemas e de melhoria das práticas por meio da observação, da análise e da descrição objetivas e completas [7]. Assim, optou-se por esse método para compreender os fenômenos que ocorrem em uma escola no que tange as dúvidas, as curiosidades e os conhecimentos prévios dos alunos sobre sexualidade. Após a etapa de obtenção dos dados, a partir da interação dos pesquisadores com o grupo pesquisado, foram propostos planos de ação visando a emancipação do grupo social em questão.

## **2.3. Instrumento de coleta**

Os dados foram coletados a partir da aplicação de um questionário contendo perguntas abertas. Optou-se pela técnica de questionários auto aplicados tendo em vista oferecer maior liberdade de expressão aos respondentes, uma vez que falar sobre sexualidade pode causar constrangimentos. Por se tratar de uma pesquisa exploratória, na qual não há conhecimento prévio satisfatório sobre a realidade que se pretende investigar, optou-se pelas perguntas abertas, cujas respostas são livres e, assim, possibilitam maior variedade de respostas [8]. As perguntas versavam sobre concepções de sexo e sexualidade, dúvidas sobre sexualidade, opinião sobre aborto, conhecimentos sobre métodos contraceptivos, opinião sobre gravidez na adolescência, ocorrência de diálogo sobre sexualidade com os pais, entre outras. Estas foram formuladas com base no referencial teórico adotado neste estudo.

## **2.3. Oficinas pedagógicas**

Após a coleta de dados foram executadas duas oficinas sobre o tema, que visaram esclarecer sobre as questões relacionadas à sexualidade apontadas na pesquisa de campo. Cada oficina teve a duração de 2 horas e meia e foram embasadas na metodologia desenvolvida pelo Núcleo de Estudos em Educação Científica, Ambiental e Práticas Sociais (NECAPS). Este núcleo de ensino-pesquisa-extensão está vinculado à Universidade do Estado do Pará (UEPA) e há 20 anos promove atividades educativas interdisciplinares relacionadas aos conhecimentos de Ciências, Ambiente e Saúde, com a perspectiva de contribuir com a construção de um trabalho educativo que promova a cidadania, a justiça social e a melhoria da qualidade de vida e de ensino [9].

A metodologia aplicada nas oficinas pedagógicas consiste de três momentos: atividade de acolhida, atividade de conhecimento específico e atividade de despedida. A atividade de acolhida é um momento de interação grupal, em que são trabalhados conhecimentos, habilidades e valores diversos, de modo a facilitar a participação nas atividades e decisões a serem tomadas durante o trabalho realizado pelos participantes; a atividade de conhecimento específico relaciona-se aos conteúdos, habilidades e valores referentes ao conhecimento de ciências naturais, ciências ambientais e de saúde, utilizando-se de observações, experimentações, investigação de saberes diversos, improvisação de materiais, escrita de textos, excursões e utilização do lúdico (desenhos, jogos, músicas, teatro, paródias, construção de painéis e maquetes, etc.); já a atividade de despedida busca propiciar a avaliação do trabalho através de dinâmicas em grupo [8].

Para a execução das oficinas, utilizou-se do diálogo, exposição de vídeos, apresentação de poema, apresentação de slides e confecção e exposição de cartazes pelos participantes. Dentro

desta proposta foram abordadas temáticas como: infância, puberdade, adolescência, gênero, anatomia, fisiologia do aparelho reprodutor masculino e feminino, prevenção de DST e métodos contraceptivos.

#### 1ª OFICINA: SEXUALIDADE, SAÚDE E QUALIDADE DE VIDA

- **Atividade de acolhida: Dinâmica “Conhecendo melhor o seu colega”:**

Em círculo os alunos tiveram a oportunidade de escolher uma tira de papel rosa ou azul, na qual escreveram uma qualidade do colega que estava ao seu lado esquerdo. Após terem escrito as qualidades, os alunos colaram a tira de papel com adesivo na testa do colega. O participante que estivesse com o papel colado à testa tentaria adivinhar qual qualidade lhe foi atribuída. Por conseguinte, foi realizada uma discussão sobre o porquê dos alunos escolherem a cor azul ou rosa.

- **Atividade de conhecimento específico: “Sexualidade, saúde e qualidade de vida”**

Esse momento foi marcado pela indagação feita aos participantes: o que é sexualidade? A partir dos conhecimentos prévios dos alunos, discutiu-se a diferença entre conceitos como sexo e sexualidade. Tal discussão foi aprofundada utilizando-se de cartazes e imagens mostrando as etapas do desenvolvimento humano (bebê, criança, adolescente e adulto).

- **Atividade de despedida: Auto- Retrato**

Na atividade de despedida, os alunos foram divididos em dois grupos. Cada grupo construiu um cartaz no qual puderam expressar através de desenhos, recortes e colagens, o seu modo de ser e os seus gostos quando mais novos e no momento atual da oficina. Posteriormente, os alunos socializaram as diferenças que perceberam em sua sexualidade com o passar dos anos.

#### 2ª OFICINA: DIALOGANDO SAÚDE

- **Atividade de acolhida: “Quando eu crescer vou ser...”**

A oficina número 2 iniciou-se com uma frase provocativa “Quando eu crescer vou ser...”, e todos os alunos complementaram essa frase escrevendo em uma tira de papel o que pretendia ser daqui há alguns anos. Em seguida, socializaram suas respostas.

- **Atividade de conhecimento específico: “Vou ser pai/mãe... E agora?”**

Iniciou-se a atividade de conhecimento específico com a leitura do poema “Enjoadinho”, de Vinicius de Moraes. Após sua leitura, perguntou-se a eles do que um bebê precisa durante a gestação e após o nascimento. As respostas foram escritas na lousa.

- **Atividade de despedida: “O tempo”**

Apresentação de um vídeo que retratou as mudanças que ocorrem no corpo e na vida das pessoas ao longo do tempo.

#### 2.4. Aspectos éticos

Foi solicitada a autorização dos responsáveis dos educandos, por serem menores de idade. Assim, foi enviado aos responsáveis o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), para que os mesmos tomassem conhecimento da pesquisa que se pretendia realizar com os alunos, bem como, apresentou-se um termo de assentimento aos alunos para que estes compreendessem o caráter voluntário de participação na pesquisa. Para todos que aceitaram a execução da pesquisa (responsáveis de alunos e alunos), foi entregue uma cópia do termo de assentimento, enquanto a outra ficou com os responsáveis por esta pesquisa. Vale ressaltar que foi mantido o sigilo sobre a identidade dos sujeitos envolvidos na pesquisa, atendendo à legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), e garantida a utilização das informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

## 2.5. Análise dos dados

Como procedimento de análise utilizou-se a análise de conteúdo, que consiste em decompor as informações presentes nos dados coletados em categorias de análise, denominadas de unidades de contexto e unidades de análise. As unidades de contexto contemplam categorias gerais (ex. concepção sobre sexualidade) e as unidades de análise são categorias específicas (ex. visão reducionista, biomédica, holística etc.). Assim, a análise de conteúdo abrange as etapas de pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados obtidos e a interpretação [10]. A sistematização dos dados foi realizada através de planilhas no programa Microsoft Office Excel 2007 com o objetivo de permitir melhor interpretação.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 3.1. Perfil dos sujeitos participantes

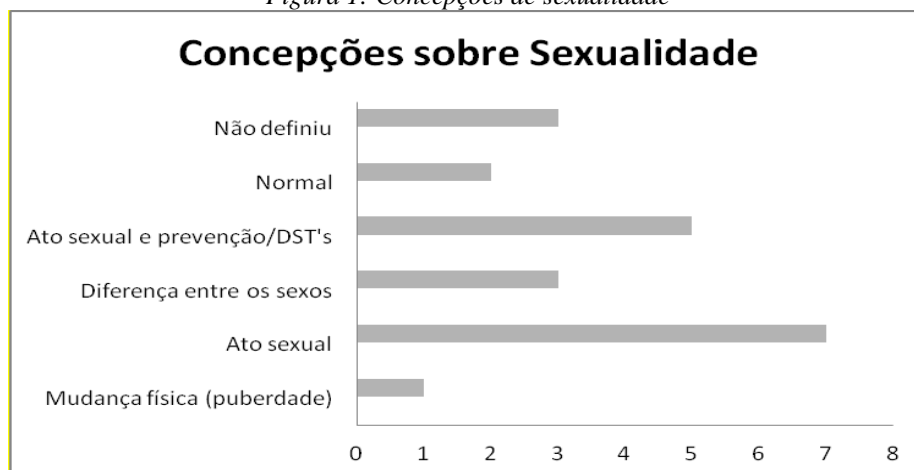
Participaram da pesquisa 21 alunos na faixa etária de 13 a 15 anos, sendo que 66,7% eram do sexo feminino e 33,3% do sexo masculino. A maioria (81%) possuía 14 anos, 14% possuía 13 anos e 5% possuía 15 anos. Ao perguntar sobre a quantidade de pessoas residentes em suas casas e o grau de parentesco, 52% responderam que convivem com 02 a 04 pessoas, e 48% convivem com 05 a 08 pessoas. A maioria dos integrantes é composta pelos pais (apesar de nem sempre disporem da companhia de ambos) e pelos irmãos, tendo também a companhia de avós, padrastos, e outros parentes.

Os resultados apontam uma realidade onde as famílias quase sempre não possuem a figura do pai e da mãe em conjunto, não significando que estes não participem ativamente da vida dos sujeitos da pesquisa. Na ausência desse vínculo, muitos adolescentes sentem-se excluídos por parte de um dos genitores, pois na maioria das vezes, a atenção que recebem é apenas financeira, resultando em carência afetiva. Por vezes, os demais familiares agregados assumem o papel que deveria ser do genitor ausente, e nem sempre a orientação fornecida por eles é adequada.

### 3.2. Concepções sobre sexualidade

No que diz respeito à concepção de sexualidade (Figura 1), 33% dos alunos definiram sexualidade como o ato sexual, enquanto que 23,8% acrescentaram medidas de proteção, e outra parcela (14,3%) atribuiu o conceito de sexualidade como sendo a diferença física entre os sexos masculino e feminino. Os outros conceitos foram: mudança física (4,8%), normal na natureza de qualquer indivíduo (9,5%) e sem definição (14,3%).

Figura 1: Concepções de sexualidade



Fonte: dados dos questionários aplicados.

De acordo com as respostas dos participantes, nenhum aluno possui um conceito amplo sobre a sexualidade. Eles a relacionam aos fatores de caráter biológico, o que deixa claro um conhecimento superficial e/ou fragmentado sobre o tema, assim a desconhecer sua relação com fatores sociais, econômicos, éticos, étnicos e históricos [11].

Acredita-se que os entrevistados fazem parte de um grupo maior, onde fazem parte outros adolescentes de outras instituições de ensino que também têm uma visão limitada, pois como já foi abordado em outro momento, em plena época da total liberdade de expressão, a maioria das famílias ainda encontra certa dificuldade em conversar com as crianças e jovens a respeito desse assunto. Essa dificuldade contribui bastante para a falta de informação dos jovens sobre o que é sexo e o que é sexualidade [12].

Ao serem questionados sobre a necessidade de discutir o tema sexualidade na escola, 19 responderam sim, e 02 responderam não. Para aqueles que concordaram, perguntou-se a opinião a respeito de em que ano esse tema deveria começar a ser tratado, e 43% apontaram o 6º ano, enquanto 19% e 14% indicaram o 7º e o 5º como ano ideal respectivamente. Os outros 24% não apontaram os anos.

Verificando as idades médias apontadas pelos sujeitos em estudo, evidenciou-se que os mesmos têm consciência da necessidade de se conversar abertamente sobre o tema, pois é justamente o período do início da puberdade, e para muitos, torna-se complicado entender essas transformações, uma vez que nem sempre a mente acompanha a mudança do corpo, e não possuem o diálogo aberto em casa. A escola é o melhor lugar para os professores trazerem todas as informações sobre sexualidade, que são necessárias e importantes para crianças e adolescentes [13].

Para Nunes e Silva [14], não há idade adequada para começar a falar sobre o tema:

Não há plausibilidade educacional em esperar um suposto tempo de maturação para abordar a sexualidade das crianças, acreditando que ‘quando chegar o tempo’, serão criadas as condições de diálogo e informação sobre o universo sexual e afetivo. (...) Não será possível falar com ressonância e respeito sobre sexualidade, amor, gratuidade e prazer, aos adolescentes se não foram construídas as pontes e suportes na infância [14].

Quando questionados sobre a existência de dificuldades para conversarem sobre sexualidade, 52% dos alunos responderam sim, 43% afirmaram não e 5% ficaram no meio termo. Entre os maiores empecilhos apontados pelos que sentem dificuldades, sobressaíram-se a vergonha (30%), o desconforto dos pais (20%) e também o desconforto dos próprios sujeitos (20%). A falta de tempo, a dificuldade em expor alguns termos e a ideia de que tal assunto é para adultos, são as razões restantes, representando cada uma delas 10% do total. Esses dados reforçam a falta de diálogo enfrentada pelos jovens, mencionada na pergunta anterior.

Questionados sobre com quem conversam sobre sexualidade, a maioria (38%) afirmou conversar com outras pessoas, como colegas de classe, primos, tios e namorados. Cerca de 25% afirmou conversar com os pais, o que coincide com os dados apresentados nas questões anteriores, que apontam o pouco diálogo com os pais, e também evidencia a confusão que os sujeitos da pesquisa fazem entre sexo e sexualidade. O restante afirmou conversar com irmãos e amigos ou não conversam com ninguém. Diante disso, fica evidente a importância da escola na promoção da orientação sobre sexualidade, entretanto, vale destacar que essa orientação não deve ser considerada como papel apenas da escola, mas sim, faz-se necessário a parceria com a família, através da elaboração de atividades que ajudem no diálogo entre filhos e seus responsáveis.

No que diz respeito à existência de dúvidas acerca do tema sexualidade, dos 21 alunos pesquisados, 13 afirmaram possuí-las, sendo a maioria dessas dúvidas relacionada às DST e a própria prática do ato sexual. Gravidez precoce, idade para conhecer o assunto e a violência sexual foram apontadas por um aluno, cada. 8% afirmaram não possuir dúvidas sobre o assunto. Tais dados evidenciam o fato de que a maioria dos alunos limita-se a relacionar a sexualidade com o próprio ato sexual e suas consequências. Curiosamente, o interesse pelas DST é superior ao interesse pela gravidez não planejada, pois ambas fazem parte das consequências do sexo

sem proteção. Além disso, muitos não procuram buscar informações confiáveis. Hoje, o adolescente está diante de diversas tecnologias, como a internet, que lhe oferecem acesso à informação para ajudá-los a tirar dúvidas a respeito de qualquer assunto. Contudo, sabe-se que muitos as utilizam para outros fins como: bate-papo, assistir vídeos, ouvir músicas e quase nunca para fins didáticos. Assim, percebe-se mais uma vez a necessidade dos estabelecimentos de ensino oportunizarem aos estudantes atividades pedagógicas que tratem desses temas [11].

Em relação a diferença entre os conceitos de sexo e sexualidade, 62% dos alunos afirmaram desconhecimento. O restante posicionou-se conhecedor ou que sabe mais ou menos a diferença.

Quando questionados sobre a gravidez precoce, a maioria (33%) se dividiu entre aqueles que não têm opinião e aqueles que a consideram um estorvo, por mexer com a cabeça dos jovens e frustrar desejos pessoais e profissionais, pois muitos jovens largam a escola e a vida social para cuidar de um bebê, e outros são forçados a aceitar qualquer profissão em prol do sustento da criança. 1% não respondeu a pergunta.

Um recente estudo divulgado pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) [15] mostrou que mais de 309 mil mães adolescentes estão fora da escola. A outra parcela de alunos pesquisados julgou a gravidez precoce como algo que acontece devido aos jovens não terem o preparo para praticar sexo seguro e com responsabilidade. Isso deixa implícita a necessidade de se implantar dentro das escolas momentos que possibilitem esse tipo de esclarecimento voltados para os alunos, e não somente para os pais e responsáveis, como é feito na maioria das vezes.

No tocante à idade certa para ser pai/mãe, a maioria (33%) afirmou variar dos 24 aos 27 anos, pois acreditam que estarão formados e com emprego nessa faixa etária, enquanto que 29% apontou que deseja ter entre 20 a 23 anos, como demonstra a Tabela 1:

*Tabela 1: Idade que os participantes apontam como ideal para ter um filho*

<b>Faixa Etária</b>	<b>% de alunos</b>
De 24 a 27 anos	33
De 20 a 23 anos	29
Não determinaram	24
De 28 a 30 anos	14

Observou-se que a minoria deseja possuir idade próxima aos 30 anos, o que nos leva a crer que esta parcela encara a sexualidade como algo que poderá afetar o seu futuro, optando por ter filhos numa idade mais madura.

Perguntados se eram contra o aborto, 18 alunos responderam sim, 02 responderam não e apenas um não se manifestou. A maior razão apontada foi que a ideia de matar uma criança é errada, pois ela não pediu para ser gerada e não tem culpa dos erros dos genitores. Tal visão se baseia nas opiniões que eles herdaram de seus pais e da sociedade. O Código Civil assegura os direitos do nascituro em seu art. 2º, dizendo: “A personalidade civil da pessoa começa do nascimento com vida; mas a lei põe a salvo, desde a concepção, os direitos do nascituro” [16]. A outra grande razão foi que se a pessoa não quer ter filho, não deveria fazer sexo sem proteção. As respostas apontam uma predominante condenação do ato de praticar sexo sem a devida proteção, visto que isso resultará em algo que eles não estão preparados para lidar, a paternidade. Em muitos casos, esse despreparo leva a prática do aborto, condenada por consistir em tirar uma vida.

O questionário foi finalizado testando-se o conhecimento dos alunos sobre métodos contraceptivos. Segundo Boruchovitch [17], os adolescentes são mal informados a respeito do assunto, fato comprovado ao analisar-se as respostas dos alunos, haja visto que 17 disseram não conhecer nenhum tipo de método contraceptivo. Já os 04 restantes que responderam sim, a maioria citou a camisinha (38%) e as pílulas anticoncepcionais (25%).

Ao serem indagados se já haviam recebido algum tipo de orientação sexual, 18 alunos afirmaram sim e 03 disseram não. Entre as orientações citadas por eles, sobressaiu-se a utilização de camisinha (68%), e uma pequena parcela (16%) apontou iniciar a vida sexual

quando estiver preparado. Observa-se que embora aproximadamente 81% dos alunos (17) relatar não conhecer os métodos contraceptivos (como mostrado acima), a camisinha é citada pela maioria no questionamento sobre orientação sexual. Sobre isso, pode-se dizer que os alunos não associam camisinha como método contraceptivo, mas, sobretudo à prevenção de DST.

Estes dados demonstram que os participantes sabem muito pouco a respeito do assunto em foco, limitando o sexo apenas ao ato prático, facilmente identificado quando estes foram indagados sobre suas dúvidas a respeito de sexualidade.

Os conhecimentos equivocados e fragmentados dos jovens sobre sexualidade confirmam a carência de diálogo entre pais e filhos, o que resulta em falta de conhecimento sobre aspectos importantes para uma vida sexual saudável. Diante dessa realidade, muitas vezes a escola desempenha sozinha o papel de orientação dos jovens, visando contribuir para a diminuição não só da gravidez precoce, mas também do número de adolescentes acometidos por DST, que não tem coragem de expor sua situação para a família.

### 3.3. Contribuições das oficinas pedagógicas sobre sexualidade

Foram desenvolvidas duas oficinas pedagógicas, “Sexualidade, saúde e qualidade de vida” e “Dialogando saúde”. Os resultados das discussões realizadas estão descritos a seguir.

#### 3.3.1. Oficina: sexualidade, saúde e qualidade de vida

A maioria procurou ouvir e assistir atentamente as explicações e em muitos momentos houve contribuições com exemplos vivenciados por eles em seu cotidiano (pessoas grávidas e pessoas que já contraíram doenças sexuais).

Quando indagados sobre o que entendiam por sexualidade, apenas uma aluna, denominada de aluna “A”, manifestou-se oralmente. Segundo ela:

*“[...] sexualidade não é só o ato de se reproduzir, mas sim é expressar seus sentimentos, é conhecer seu próprio corpo, é conhecer mais sobre o que é o amor.” (aluna A).*

Os demais manifestaram-se por escrito, como foi o caso de um aluno, denominado de aluno B, o qual demonstrou uma concepção mais ampla sobre sexualidade:

*“Bom, como estou na pré- adolescência, já passei pela mudança de corpo (puberdade), e acho que sexualidade seria isso, aquilo que toda pessoa passa em uma fase da vida.” (aluno B).*

Dos demais alunos, 12 ainda enfocaram a questão do ato sexual e 04 não se manifestaram de nenhuma forma.

Diante das respostas escritas e orais dos alunos pôde-se ter noção dos seus entendimentos sobre sexualidade. A partir disso, iniciou-se a apresentação do conceito amplo sobre sexualidade e as mudanças pelas quais os jovens vêm passando. Isso foi importante para os jovens entenderem as modificações físicas e psicológicas que naturalmente acontecem ao longo dos anos. Para isso, os mesmos observaram imagens do aparelho reprodutor de ambos os sexos e as modificações fisiológicas e morfológicas que sofrem.

Para a finalização da primeira oficina, desenvolveu-se a dinâmica do “Auto- Retrato”, onde os alunos elaboraram um cartaz (Figura 2) para expressarem através de desenhos, palavras, recortes e colagens, como eram e do que gostavam quando crianças, e como são e do que gostam agora.



Figura 2: Cartaz confeccionado pelos alunos



Entre as coisas que gostavam estavam as histórias contadas pelos avós e as brincadeiras quase esquecidas, como brincar na chuva, tomar banho de igarapé, pique esconde etc. Já entre seus gostos atuais estavam o interesse pelo sexo alheio, aspirações profissionais e o desejo pela maternidade/paternidade.

Pelo que se pôde verificar durante a realização da oficina, os envolvidos procuraram não só observar como também anotar algumas informações que poderiam ser utilizadas mais a frente (trabalho, ajudar um amigo), terminando as atividades com satisfatória produtividade. Isso evidenciou que a primeira oficina não apenas despertou como também possibilitou aos sujeitos tirar dúvidas a respeito de um assunto de seu interesse.

### 3.3.2. Oficina: dialogando saúde

A segunda oficina teve o intuito de proporcionar aos participantes um momento de encontro para discutir, aprender e rever conceitos, e também obter novas informações a respeito da saúde e da sexualidade, bem como entender a importância da prevenção e da aquisição de hábitos de vida saudáveis, que transformam as relações com o próprio corpo e com o ambiente.

É notório que um dos entraves que dificulta a realização de trabalhos envolvendo a participação direta dos alunos como agentes ativos, é o medo dos mesmos de falar em público. Como educadores, vivenciamos isso na prática, não apenas em escolas periféricas ou no ensino fundamental. Como isso ocorreu durante a execução da oficina, pediu-se que eles escrevessem nas tiras de papel o que gostariam de ser quando adultos. Dentre as profissões mais citadas estavam: médico(a), advogado(a), enfermeiro(a), farmacêutico(a), veterinário(a), e dois disseram que ainda não sabem o que gostariam de ser no futuro. As profissões citadas exigem muito tempo e dedicação, algo que possivelmente eles não teriam caso se deparassem com a maternidade/paternidade, antes ou durante a trajetória de alcance da profissão.

Na atividade de conhecimento específico “Vou ser pai/mãe... E agora?”, dentre as mais variadas respostas à pergunta feita aos alunos, ficaram em evidência: amor, carinho, alimentação, cuidado, segurança, atenção, orientação e acompanhamento conjunto dos pais. Pelas respostas dos alunos, percebeu-se que a maioria tem consciência dos cuidados e das necessidades de uma criança. Porém, dentre esses cuidados, chamou a atenção o acompanhamento conjunto dos pais, pois pelo que se pôde verificar nos questionários, muitos não convivem com os pais. Alguns são filhos de pai desconhecido, outros convivem somente com os avós, possivelmente por isso eles possuem a consciência da grande falta que esse vínculo faz à vida de uma criança. Essa discussão possibilitou aos alunos a reflexão, o posicionamento e a percepção do quanto ações mal planejadas acarretam consequências que podem mudar completamente os planos que têm para o futuro.

Foi perguntado ainda, se é possível um adolescente ser pai ou mãe e prover tudo o que o bebê precisa e em caso de resposta afirmativa, questionou-se a respeito do que o jovem teria de

abrir mão para cuidar de uma criança e quais seriam as vantagens de adiar-se a gravidez. À primeira pergunta todos responderam que sim, porém afirmaram que para oferecer tudo que uma criança necessita, seria necessário abrir mão dos estudos, contar com o apoio da família e acima de tudo, entender que não seria fácil, pois teria que pensar primeiramente na criança e no que seria viável para o seu bem estar. Em consequência disso, os desejos e os sonhos dos jovens pais ficariam para um segundo plano e que uma atitude mal pensada poderia sim trazer consequências que os acompanhariam para o resto da vida. Assim, a adolescência precisa ser vista como uma fase de transição e de treino de competências sociais, momento que não há maturidade suficiente para um adequado desempenho do papel parental, pois se entende que a gravidez deve surgir quando planejada, desejada e em pais com competências afetivas, econômicas e sociais para sustentá-la [18]. E isso não inclui somente uma gravidez precoce, como também contrair alguma doença sexualmente transmissível, incluindo-se a AIDS.

#### 4. CONCLUSÃO

De acordo com as intervenções desenvolvidas ao longo deste estudo, pôde-se perceber o quanto foi relevante abordar o tema sexualidade com os adolescentes do 8º ano da escola, visto que a falta de orientação dos jovens em seus lares ainda é uma realidade, o que os leva, muitas vezes, a ter concepções fragmentadas e distorcidas sobre sexo, sexualidade e sua própria saúde, no que diz respeito a gravidez e as DST. Isso ficou bem evidente na análise dos questionários aplicados aos educandos e no decorrer da realização das oficinas.

Nesse contexto, a realização das oficinas pedagógicas foi considerada eficiente para facilitar a aproximação e o contato com os jovens de maneira mais dinâmica, divertida e responsável, já que o tema sexualidade ainda gera constrangimento e deixa muitos adolescentes tímidos.

As discussões propostas ao longo das intervenções tiveram a intenção de detectar as questões dos alunos sobre o tema para posteriormente orientá-los, de modo a levá-los a refletir sobre o “agora” e o que almejam para seu futuro. Ficou claro que todos eles têm sonhos que almejam realizar e que a maioria ficou pensativa com a possibilidade de gerar um filho antes de alcançar seus objetivos.

Sabe-se que intervenções pontuais não são o suficiente para que o trabalho se dê com excelência, assim, faz-se necessário a união de vários atores sociais para que a orientação dos jovens aconteça de forma mais consolidada e ampla. Para isso seria imprescindível a participação de diversos professores, independente da disciplina e da escola de um modo geral, dos pais e até mesmos dos profissionais da área da saúde. Entretanto, é fato que essa associação entre os múltiplos atores sociais ainda é frágil ou até mesmo inexistente em alguns contextos. Porém, é válido destacar ações como as realizadas por este estudo e estimular demais atores sociais a realizar e compartilhar ações que venham a orientar as crianças e jovens.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Moreira BLR, Rocha JBT, Puntel RL, Folmer V. Educação sexual na escola: implicações para a práxis dos adultos de referência a partir das dúvidas e curiosidades dos adolescentes. *Revista Electronica de Enseñanza de las Ciencias*. 2011 10(1): 64-83.
2. Saito MI, Leal MM. Educação sexual na escola. *Pediatria*. 2000 22(1): 44-48.
3. Silva IO, Siqueira VHF, Rocha GWF. Educação sexual e gravidez de adolescentes: significados construídos por docentes do curso de formação de professores em uma escola pública do Rio de Janeiro, Brasil. *Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias*. 2009 8(1): 216-231.
4. Altmann H. Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. *Estudos Feministas*. 2001 2: 575-585.
5. Ministério de Educação (BR). Parâmetros Curriculares Nacionais: Temas Transversais. Brasília (DF): Ministério da Educação; 2000.
6. Ministério da Educação (BR). Parâmetros Curriculares Nacionais: Ciências Naturais. Brasília (DF): Ministério da Educação; 1998.
7. Thomas JR, Nelson JK.. Métodos de pesquisa em atividade física. 3 ed. Porto Alegre: Artmed Editora; 2002.

8. Gil AC. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. 3 ed. São Paulo: Atlas; 2008
9. Silva Júnior CAS, Bandeira GCM, Fonseca MJCF. Vivências pedagógicas em Educação Científica, Ambiental e Saúde. Belém: Gráfica Smith; 2008.
10. Bardin L. Organização da análise. In: Bardin L. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70; 2004.
11. Aquino C, Martelli AC. Escola e educação sexual: uma relação necessária. In: IX Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul; 2012 29 julho – 1 de agosto; Caxias do Sul (RS).
12. Camargo EAI, Ferrari RAP. Adolescentes: conhecimentos sobre sexualidade antes e após a participação em oficinas de prevenção. *Ciência & Saúde Coletiva*. 2009 14(3): 937-46, doi:10.1590/S1413-81232009000300030
13. Ribeiro PRM. "Educação sexual." Além da informação. São Paulo: EPU; 1990.
14. Nunes C, Silva E. A Educação sexual da criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade além da transversalidade. Campinas, SP: Autores Associados; 2000.
15. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (BR). Pesquisa Nacional por amostra de domicílios. Brasília (DF); Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; 2014.
16. Mirabete JF. Manual de Direito Penal. São Paulo: Atlas; 2005. 93p.
17. Boruchovitch E. Fatores associados a não-utilização de anticoncepcionais na adolescência. *Revista Saúde Pública*. 1992 26(6):437-443, doi: 10.1590/S0034-89101992000600010.
18. Leal I. Gravidez e maternidade na adolescência. *Sexualidade & Planejamento Familiar*. 2000. 27/28: 23-26.